

Introdução

Eduardo Ramos Coimbra de Souza

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SOUZA, ERC. Introdução. In: *Schopenhauer e os conhecimentos intuitivo e abstrato: uma teoria sobre as representações empíricas e abstratas* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 11-15. ISBN 978-85-7983-687-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

INTRODUÇÃO

O nome do filósofo alemão Arthur Schopenhauer está invariavelmente associado ao pessimismo. À primeira vista, uma referência única e imediata pode parecer algo comum para classificar os pensadores, pois Platão é sempre ligado à sua teoria das Ideias; Aristóteles, à *Metafísica*; Descartes, ao *Cogito Ergo Sum*; Leibniz, à *Monadologia* etc.

Todo pensador parece ser, assim, reconhecido de modo geral a partir de somente um aspecto de seu pensamento. Todavia, esse procedimento acaba por esconder outros fatores das obras dos autores, e não seria correto reduzir Platão, Aristóteles, Descartes e Leibniz apenas a esta característica única, essencial e importantíssima de suas filosofias que todos identificam. Para além dela, Platão e Aristóteles escreveram sobre política, ética, poética, lógica e inúmeros outros assuntos. Descartes e Leibniz, por seu turno, foram, além de filósofos, grandes cientistas e matemáticos, tendo grandes obras redigidas nessas áreas do saber.

O mesmo raciocínio pode ser aplicado a Schopenhauer. Embora o pessimismo esteja presente em toda a sua obra, e não possa ser dela separado, ainda assim o filósofo tem outras ideias a apresentar, como por exemplo sua concepção de conhecimento estético como uma forma mais elevada de conhecimento do que o científico e como

calmante para uma vontade sempre insaciável. Acrescente-se a isso que tanto o pessimismo como a teoria estética do pensador alemão decorrem de um outro elemento de sua obra: sua concepção metafísica do mundo.

Por outro lado, nos séculos XVII e XVIII, inúmeros filósofos publicaram textos com o objetivo claro de estabelecer as bases para um conhecimento sólido e rigoroso. Podemos citar Locke e seu *Ensaio sobre o entendimento humano*; Berkeley, com a obra *Tratado sobre os princípios do conhecimento humano*; Hume escreve a *Investigação sobre o entendimento humano*. Além do trabalho destes filósofos empiristas, temos Leibniz e seus *Novos ensaios sobre o entendimento humano* e, finalmente, Kant com a *Crítica da razão pura*.

É possível perceber, em vista disto, que a teoria do conhecimento recebia muita atenção neste período, e Schopenhauer, como descendente filosófico desta época, não pôde se desvencilhar totalmente deste tema; portanto, outro elemento da filosofia schopenhaueriana é a teoria do conhecimento – fato que se deve, em grande medida, à influência de Kant.

Partindo da obra de Kant, e sua diferenciação entre fenômeno e coisa-em-si, dois ramos de investigação surgem para Schopenhauer. Um campo refere-se à tentativa de explicação para a coisa-em-si, livre de todas as formas fenomênicas do conhecimento. O outro, por sua vez, é o fenômeno, isto é, o objeto que aparece ao sujeito, sendo que neste se apresentar ao sujeito o objeto é moldado por formas *a priori* do sujeito que conhece, motivo que limita o conhecimento do objeto como este aparece e não como seria em si mesmo.

A filosofia de Schopenhauer pode se situar nesta perspectiva dupla de indagação, pois procurará tanto desvendar o que é a coisa-em-si kantiana, a essência profunda do mundo para o filósofo alemão, quanto investigar a superfície do mundo, ou seja, as possibilidades de conhecimento, junto com as faculdades e os objetos que podem ser conhecidos pelo sujeito, e os limites a que está restrito o conhecimento. Para uma compreensão plena e completa da obra do pensador, estes dois problemas estão inter-relacionados, formando o seu pensamento único.

Mas o autor de *O mundo como vontade e como representação* tem, além disso tudo, uma teoria própria sobre o conhecimento. É no livro primeiro do mencionado escrito que Schopenhauer elabora, apresenta e desenvolve suas concepções sobre o conhecimento, suas fontes e seus limites. Escrita sob inegável influência kantiana, a teoria do conhecimento de Schopenhauer tenta estabelecer quais faculdades de conhecimento o sujeito possui e quais objetos são possíveis de se conhecer. Nesse aspecto, o Livro I, se isolado do restante da obra, pode ser considerado um texto de filosofia moderna, junto com suas preocupações a respeito dos fundamentos e da legitimação do conhecimento.

Esse trabalho de pesquisa se propõe a investigar a teoria do conhecimento apresentada pelo filósofo germânico. Especificamente, procura compreender o conhecimento intuitivo e o abstrato, junto com suas faculdades e objetos correspondentes, além de apresentar os problemas gerais que levaram Schopenhauer a elaborar uma teoria do conhecimento discordante, de certo modo, da do mestre de Königsberg.

Desta maneira foi tomado o cuidado de, a cada passo dado na exposição, ser mostrado que problema levou Schopenhauer a manter ou a reformular os ensinamentos kantianos e de outros filósofos modernos que se ocuparam com teoria do conhecimento. Assim, no primeiro capítulo apresentamos as bases mais gerais para se entender a teoria schopenhaueriana sobre o conhecimento fenomênico. Inicialmente fora feita a separação entre o fenômeno, o mundo como representação, e a coisa-em-si, o mundo como vontade. Passo esse importante, pois o filósofo interpreta essa bipolaridade nos moldes platônicos, ou seja, um antagonismo entre a essência e a aparência. Se o conhecimento localiza-se no mundo da representação será, portanto, aparência.

Na sequência, três noções fundamentais foram estabelecidas: sujeito e objeto são termos interdependentes; os objetos devem ser regidos pelo princípio de razão; e a diferenciação entre representações intuitivas e abstratas. Finalmente, esboçamos uma breve explicação das quatro figuras do princípio de razão e do modo como regem seus

objetos. Todo este capítulo se fez necessário por estabelecer os princípios que organizarão a teoria do conhecimento de Schopenhauer.

A partir do segundo capítulo começamos a investigar os modos intuitivo e abstrato de conhecimento. Princípios pelas formas puras do conhecimento empírico, espaço e tempo, cuja faculdade responsável é a sensibilidade pura, e que devem ser dirigidas pelo princípio de razão do ser. Em seguida, tratamos das representações empíricas, nas quais o entendimento é o responsável por conhecê-las, a partir de sua única função, aplicação da lei de causalidade, o princípio de razão do devir. Por meio desta função exclusiva, toda a realidade empírica, os objetos reais e suas conexões, aparece para o sujeito do conhecimento. Essa concepção de entendimento como a faculdade do conhecimento empírico é resultado de uma problematização que Schopenhauer faz do entendimento kantiano. As representações intuitivas puras e as representações intuitivas empíricas, juntamente com suas faculdades correspondentes, constituem o modo de conhecimento intuitivo, direto, imediato, não discursivo, não reflexivo, pois seu conhecimento não se realiza segundo várias etapas ou atos das faculdades de conhecimento.¹

Por outro lado, as representações abstratas têm como faculdade cognitiva própria a razão. Schopenhauer polemiza com os pensadores que tentaram dar uma definição desta faculdade, e esse questionamento levará o filósofo a formular sua própria concepção de razão, qual seja, a faculdade de formação de conceitos. As representações abstratas deverão ser também determinadas pelo princípio de razão, que em nova configuração exige que toda representação abstrata tenha um fundamento de conhecer em outra representação. Deste modo, o conhecimento abstrato, realizado por conceitos, representações abstratas, é mediato, derivado, indireto, dependente de uma outra fonte para ter significado, portanto, não é intuitivo. Todavia, essa forma de conhecer caracteriza o saber do ser humano e garante toda

1 Excluiremos de nossa pesquisa o conhecimento estético, que também é classificado por Schopenhauer como intuitivo, visto não ser desenvolvido no Livro I de *O mundo como vontade e como representação* e de depender de uma explicação prévia de sua metafísica da vontade.

a sua vantagem com relação aos outros animais, que possuem apenas o conhecimento intuitivo. Com a razão e os conceitos surgem para o homem a ciência, como forma sistemática e rigorosa de conhecimento, e a capacidade de agir guiada por motivos abstratos, ou seja, os conceitos produzidos pela razão. Estes elementos constituintes do conhecimento abstrato são trabalhados no terceiro capítulo.

Sendo assim, o mundo como representação é compreensível a partir das três noções básicas da teoria do conhecimento de Schopenhauer, que, ao se desdobrarem em várias classes de representação, faculdades de conhecimentos próprias, e caracterizando os modos de conhecimento intuitivo e abstrato, configurarão uma teoria do conhecimento sistemática.